

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO MATEENSE  
FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MARCOS FÁBIO REIS GONÇALVES  
ADEMIR LAURINDO**

**O ALUNO SURDO E O ESPORTE NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.**

**SÃO MATEUS  
2016**

**MARCOS FÁBIO REIS GONÇALVES  
ADEMIR LAURINDO**

**O ALUNO SURDO E O ESPORTE NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Educação Física da Faculdade Vale  
do Cricaré, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciado em Educação  
Física.  
Orientador: Me. Daniel Junior da Silva**

**SÃO MATEUS  
2016**

**MARCOS FÁBIO REIS GONÇALVES**  
**ADEMIR LAURINDO**

**O ALUNO SURDO E O ESPORTE NAS AULAS DE**  
**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física em XX.

Aprovado em 00 de mês de 0000.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**PROF. Me. DANIEL JUNIOR da SILVA**  
**FACULDADE VALE DO CRICARÉ**  
**ORIENTADOR**

---

**PROF. NOME COMPLETO**  
**FACULDADE VALE DO CRICARÉ**

---

**PROF. NOME COMPLETO**  
**FACULDADE VALE DO CRICARÉ**

As nossas famílias, esposas por sempre acreditarem no nosso trabalho como educador, a nossas mães que sempre nos aconselharam e que nunca deixaram de acreditar em nós.

A Deus, primeiramente, por sempre guiar e sustentar vida no caminho do bem, ao nosso orientador prof. Daniel Jr. da Silva, pela paciência e grandes ensinamentos.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Paulo Freire

## **LISTA DE SIGLAS**

CISS (Comité International dês Sports dês Surdos)

INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos)

LIBRAS (Lingua Brasileira de Sinais)

## RESUMO

O presente estudo buscou indentificar discussões sobre o aluno surdo na escola e no esporte, onde analisamos as dificuldades no processo pedagógico de inclusão de uma pessoa surda em meio aos ouvintes, buscando desde a história dos surdos e o seu desenvolvimento, como surgiu a língua brasileira de sinais, o sujeito surdo e sua inserção da escola e no esporte no que diz respeito a inclusão e então a questão da acessibilidade para esse público vem sendo trabalhando ao longo dos anos. Foi adotado como procedimento metodológico um estudo bibliográfico, no qual foi realizado um levantamento em fontes como periódicos, indexadores, diretorios, banco de teses e dissertações da produção científica da Educação Física, dos últimos 10 anos, publicados on-line. As análises evidenciam pontos importantes quanto o processo formação do profissional que atende o aluno surdo, a falta de conhecimento da LIBRAS e o esporte sendo adaptado, em suas regras e composições, na tentativa de incluir o surdo na prática.

**Palavras chaves:** Surdez; Esporte; Educação Física Escolar.

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
2.1 A SURDEZ: ALGUMAS DEFINIÇÕES.....	12
2.2 O Desenvolvimento Histórico da Educação dos Surdos .....	14
2.3. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS .....	16
2.4 O SUJEITO SURDO E O ESPORTE NO BRASIL E NO MUNDO .....	18
2.4.1 A inclusão do Aluno Surdo no Esporte.....	20
2.5 SURDEZ E A EDUCAÇÃO FÍSICA .....	21
2.5.1 Acessibilidade do aluno surdo nas aulas de educação física ....	22
2.5.2 O Esporte como Possibilidade de Conteúdo nas Aulas de Educação Física para Alunos com Surdez.....	24
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>25</b>
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA .....	25
3.2 LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICO DAS PRODUÇÕES .....	26
3.3 AMOSTRAGEM E CATEGORIZAÇÃO DAS BUSCAS.....	27
<b>4 LEITURA, ANÁLISE E RESULTADOS.....</b>	<b>30</b>
4.1 INCLUSÃO NA ESCOLA E NO ESPORTE .....	30
4.2 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E LIBRAS.....	31
4.3 EXCLUSÃO DO ALUNO NO ESPORTE.....	32
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>





## 1 INTRODUÇÃO

O estudo que apresentamos, entende que a escola inclusiva deve proporcionar aos alunos surdos, ou com surdez, o prazer da vivência da prática do esporte nas aulas de Educação Física escolar, sendo este, atualmente, um dos grandes desafios para os professores dessa disciplina, além de fazer com que o processo de inclusão do aluno em questão aconteça de maneira teórica prática, sem preconceitos ou discriminação dos demais colegas de turma, da classe regular.

Diante do surgimento dos vários processos de legislação que obrigam o desenvolvimento da escola inclusiva no Brasil, para pessoas com deficiência, a Educação Física escolar não pode ficar de fora, pois esse processo histórico ainda se encontra em desenvolvimento, e o professor de Educação Física deve buscar formas de planejar, organizar, e muitas vezes, adaptar as suas aulas para que o aluno com surdez tenha vivências no e do esporte nas aulas, compartilhadas com os demais alunos. Esse é um grande desafio, pois muitas vezes, o surdo é excluído de atividades físicas e educativas pelo próprio docente e os demais da turma, devido sua deficiência auditiva e pela falta de formação. As legislações tentam caminhar em direção contra esse processo de exclusão, reafirmando o direito do ser humano, a diversidade e pluralidade cultural, estimulando o respeito e a cooperação entre todos, inclusive no esporte.

Contudo, essas relações entre legislação, teorias da educação de surdos e o esporte, são processos que devem ser estudados e discutidos, para que os professores, principalmente o de Educação Física, que atuam no ensino regular e especial, tenham subsídios necessários para que possam pensar e repensar suas práticas no contexto de atendimento pedagógico dos alunos surdos. Sendo assim, a questão central do estudo proposto é: o que se tem discutido sobre a relação do esporte, como conteúdo pedagógico, e a inclusão de alunos surdos nas aulas de Educação Física escolar, nas produções da área nos últimos 10 anos?

Para orientar a tentativa de responder nosso questionamento de maneira mais geral, realizar uma busca nos periódicos, indexadores e banco de teses e dissertações da área de produção científica da Educação Física escolar sobre a inclusão do aluno surdo nas aulas de Educação Física. Nesse sentido de maneira mais específica identificar os estudos que sinalizam os usos do esporte como conteúdo ou prática educativa, no processo pedagógico de ensino, e analisar quais e como as discussões estão sendo realizadas sobre a temática.

Pensar sobre estas questões fazem-se necessárias, pois de acordo com Mollero (2007) a inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais na vida escolar e social supõe uma profunda mudança na maneira de pensar do professorado e uma mudança no conteúdo no estilo de ensinar. No caso da disciplina Educação Física, deve ser considerada dentro do currículo como matéria formativa e não complementar, e para que tenha comunicação entre ouvinte e surdo é preciso que isto aconteça pelo conhecimento, beneficiando aqueles que buscam se capacitar para ministrar aula e avaliar o desenvolvimento de um aluno com surdez, utilizando-se do conteúdo esportivo.

Educação Física escolar tem o poder de transformar a vida do ser humano através da inclusão, devendo promover a união entre os alunos, contribuindo para a mudança de cenário da educação, que em alguns momentos, se fecha para a diversidade. A consciência em buscar alternativas para que se possam atender os diversos tipos de crianças, devem ser de responsabilidade e comprometimento da escola e do professor, que juntos precisam atender as expectativas e especificidades de cada aluno. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), por exemplo, é um instrumento fundamental e imprescindível para o atendimento do surdo pelo educar. É por meio de libras que será possibilitado criar comunicação, um diálogo, e compreender conhecimentos do mundo, numa relação professor-aluno, construindo laços que ultrapassam a barreira estereotipada da língua, sobre mímica e gestos, como veremos nos capítulos a seguir.

Desde 1988 a legislação Brasileira vem tornar permanente a inclusão de alunos

com deficiência no ensino regular, a introdução das políticas públicas do sistema educacional brasileiro e as leis de diretrizes. Uma delas que podemos citar a Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional do Brasil (1996), e o Parâmetro Curricular Nacional (PCN), a inclusão dos alunos com necessidades especiais nas escolas de ensino regular.

No passado a formação do professor era feita para aqueles alunos “ditos normais”, e o com grau de deficiência eram posto de lado nas aulas de Educação Física pelo professor, que não tinha preparado a aula para aquele aluno com necessidades especiais, e sim para ditos normais, e hoje ainda é um grande desafio para professor fazer essa inclusão e para os discentes.

No município de São Mateus -es foi criada uma resolução EE/ /CME que em sua seção III da Educação Especial art 15. A educação é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o entendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular. Art. 16. As unidades escolares de educação infantil e ensino fundamental que integram a rede municipal de ensino devem garantir aos alunos público alvo da educação especial, condições adequadas de aprendizagem no que se refere à metodologia, estratégias e acessibilidade. Parágrafo Único –

O atendimento aos alunos que apresentam deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação , é feito através das salas de recursos multifuncionais, centro de referência, ambientes domiciliares e nas unidades escolares, atendendo às especificidades dos alunos, organizado pela Secretaria Municipal de Educação (conforme resolução do CME). Art. 17. A Secretaria Municipal de Educação buscará oferecer em parceria com outras secretarias uma equipe multidisciplinar dentro das especialidades de Fonoaudiologia, Psicologia, Psicopedagogia e Terapia Ocupacional para atender as demandas relacionadas aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, matriculados na rede municipal.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Após pesquisas realizadas vamos falar sobre pessoas com deficiência auditiva e como isso vem sendo tratado na escola e no esporte tendo como objetivo mostrar a vivência de uma pessoa surda em meio aos ouvintes.

### 2.1 A SURDEZ: ALGUMAS DEFINIÇÕES

Quando uma pessoa não consegue ter a capacidade de ouvir ou possui a redução de sons em diferentes intensidades, é considerada que ela possui deficiência auditiva. A surdez é quando se tem uma perda auditiva, parcial ou total. A pessoa surda é aquela que interpreta e interage com outras pessoas por meio de experiências visuais ou língua de sinais.

A língua é um fator fundamental na formação da consciência. Ela permite pelo menos três mudanças essenciais para atividade consciente do homem: ser capaz de duplicar o mundo perceptível, de assegurar o processo de abstração e generalização, e de ser veículo fundamental de transmissão de informação (LURIA, 1986).

Existem vários tipos de surdez, em diferentes graduações, que só com o audiograma pode aferir o grau de perda nas frequências de 500Hz, 1000Hz, 2000Hz e 3000Hz. Esse déficit somente pode identificar a perda média em decibéis (db) e a pessoa pode ter a perda bilateral, parcial ou total.

Conforme (GESSER,2009, pag. 72) existe diferentes graus de surdez, o grau pode variar de leve a profundo uma vez a surdez leve pode se agravar com o passar do tempo e se tornar uma surdez severa.

- *Surdez leve*: onde a pessoa possui uma perda de até quarenta decibéis, o que impede a percepção dos fonemas das palavras é considerada

desatenta, por, frequentemente, pedir para repetir o que foi falado e quando a voz do enunciador é fraca ou distante, não sabe que palavra foi dita. “[...] possui dificuldades para ouvir sons distantes. [...] na escola pode precisar ficar em um lugar mais privilegiado” (LIMA, SOUZA e TREVISAN, 2003 pag. 03). A surdez leve não impede a língua oral, porém talvez encontre alguma dificuldade na leitura ou escrita.

- *Surdez moderada*: a perda entre quarenta e setenta decibéis, na qual para se compreender é preciso certa intensidade na voz para perceber. “ existe dificuldade do individuo para acompanhar discussão [...] na escola, pode não ser capaz de acompanhar discussões durante a aula ” (LIMA, SOUZA e TREVISAN, 2003 pag. 03). Com frequência há um atraso na linguagem podendo, em alguns casos, gerar problemas relativos à comunicação. Possui dificuldade na compreensão de certos termos e de relações ou formas gramaticais complexas. Sua percepção é bem mais sucedida para o campo visual.
- *Surdez severa*: perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. o indivíduo identifica apenas alguns ruídos familiares e a voz em tom forte, podendo ficar até aos quatro ou cinco anos sem aprender a falar. “a característica é de ouvir somente sons próximos” (LIMA, SOUZA e TREVISAN, 2003 idem). Mas isso depende da família, pois se for bem orientada, a criança conseguirá adquirir linguagem oral. Para haver verbalização vai depender da percepção visual entendendo o que estar acontecendo ao seu redor.
- *Surdez Profunda*: a perda auditiva é superior a noventa decibéis, a pessoa é privada dos sons que são necessários para identificar uma voz humana e não conseguirá possuir a linguagem oral. A utilização total da percepção visual. Segundo (LIMA, SOUZA e TREVISAN, 2003 idem) conseguem sentir vibração sonora quando emitida com uma forte intensidade. Mas confiam mais na visão para processar informações.

De acordo com Goldfield (1997) o oralismo tem a intenção de integrar a criança com surdez à comunidade ouvinte, dando a condição para desenvolver a linguagem oral.

A linguagem oral é iniciada ao nascer quando acontece o primeiro choro e nos primeiros meses quando o bebê começa a emitir seus primeiros sons que é o meio de comunicação com os pais, que com passar do tempo se tornam palavras, frases onde começa haver comunicação.

A linguagem de sinais ela possui características próprias, onde se estabelece através de expressões da face ou do corpo onde se estabelece a comunicação através do campo visual.

Vygotsky (1989) explica nos seus estudos que se uma criança estiver inserida em uma comunidade e utilizar uma língua em suas interações com os membros da mesma, valer-se-á desta língua tanto para comunicar-se como para o seu desenvolvimento cognitivo, a partir da prática desta língua. Sendo assim, a língua de sinais permite que o surdo desenvolva-se cognitivamente.

Uma criança, por estar exposta a língua de sinais, essa realidade vai proporcionar um ambiente favorável para interação através da comunicação onde conseqüentemente vai ter um desenvolvimento cognitivo linguístico. A língua de sinais expressa para a pessoa com surdez o conjunto de significados do mundo ao seu redor.

## 2.2 O Desenvolvimento Histórico da Educação dos Surdos

A língua de sinais passou a ser propagada a partir do segundo império no Brasil, através do francês Harnest Huet que era surdo. Ele foi aluno do instituto de Paris, onde fez o uso do alfabeto manual Francês e da língua francesa de sinais, introduzindo essa metodologia no Brasil. Como consequência, foi fundado o Imperial

Instituto Nacional de Surdos-Mudos, por meio da Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, no Rio de Janeiro, tendo apoio do imperador D. Pedro II.

O Instituto Nacional tratava crianças surdas somente do sexo masculino. Um século após sua fundação, por meio da Lei nº 3.198, de 6 de julho 1911, a instituição tornou-se a se chamar o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), que inicialmente utilizava a língua dos sinais, mas em 1911 passou a adotar o oralismo puro, que consiste em efetivar a comunicação por meio do entendimento dos movimentos normais dos lábios (lábios-leitura, leitura labial e leitura-orofacial).

No século XX, o oralismo teve quase que exclusividade no ensino até a década de 60, onde os estudos não foram bem sucedidos no método para desenvolvimento linguístico e cognitivo do surdo. As escolas e jardins de infância passaram a receber crianças surdas nos anos 50 onde começava o resgate pela língua de sinais, onde o aprendizado passou a ter dois modos de linguagem, através da linguagem de sinais e oral. Os bebês com surdez começaram a ter tratamento clínico e educativo.

O INES começou a intensificar sua pesquisa sobre a língua brasileira de sinais e na educação dos surdos, para criar um curso para professores na área de surdez onde o bilinguismo passou a ser difundido.

Na história da surdez, existem nomes importantes, nacionalmente e internacionalmente, relacionados às pesquisas nas perspectivas clínicas e da educação, dentre eles:

- Alexandre Graham Bell – cientista defendia a oralização dos surdos;
- Edward Miner Gallaudet – filho de Thomas Gallaudet - educador de surdos; Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael criaram o alfabeto e os numerais em Libras;
- Hellen Keller – cega e surda aos sete anos, sufragista, pacifista e apoiante do planejamento familiar e entre outros;
- Jacob Rodrigues Pereira – defendia a oralização dos surdos;
- Jean Itarde – primeiro médico interessado pela surdez;

- Jean Massieu – um dos primeiros educadores de surdos;
- Laurent Clerc – surdo educador acompanhado por Thomas Gallaudet;
- Roch-Ambroise Cucurren Sicard – instrutor de surdos, apoiou a criação de vários institutos de surdos na França;
- Ronice M. Quadros e Nelson Pimenta – elaboraram 61 configurações de mãos;
- Samuel Heínicke – ensinou vários surdos a adquirir a língua oral;
- Thomas Braidwood – fundou uma escola de surdos na Europa;
- Thomas Hopkins Gallaudet – educador ouvinte, responsável por abrir uma escola para surdos em 1817 nos Estados Unidos da América e criar a Língua Gestual Americana.

### 2.3 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A língua Brasileira de Sinais é uma modalidade gestual-visual-espacial, teve sua origem através do Alfabeto Manual Francês que chegou ao Brasil em 1856, quando um surdo se perdeu no Rio de Janeiro, e encontrou um grupo de surdos cariocas perdidos e mendigando nas praias. Preocupado com os níveis de compreensão, de educação e de comunicação dessas pessoas surdas que viviam isoladas, o surdo francês dedicou-se voluntariamente ao ensino língua de sinais.

A comunidade surda possui uma linguagem com estrutura e gramática própria e um alfabeto manual. Para línguas oral existe o estudo fonológico (articulação dos fonemas) para línguas de sinais, existe a querologia que é o estudo das mãos (configuração, movimentar das mãos e pulsos localizados em determinantes partes do corpo e o sentido das palmas das mãos). Através da língua de sinais as pessoas surdas se comunicam com mais rapidez e eficiência. A libras é independente da língua portuguesa pois quanto mais cedo uma pessoa aprender a língua de sinais, mais facilmente ela terá o conhecimento do mundo, a aprendizagem da língua de sinais acontece naturalmente.

Libra surgiu em 1857, onde houve uma junção da língua Francesa de Sinais com a língua brasileira antiga, no Instituto dos Surdos-Mudos que foi a primeira escola para pessoas surdas, nos dias atuais é chamado de Instituto Nacional da Escola de Surdos (INES).

Em 24 de abril de 2002 foi decretada a lei da língua brasileira de sinais com o nº 10.436 pelo então presidente da república Fernando Henrique Cardoso

Que em seu Art. 1º reconhece de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados como meio legal. Em parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de se comunica e expressar, por um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Onde no art. 2º deve ser garantido, por parte do poder público em geral e por empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias devem prestar serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor. O art. 4º resalta que os sistemas educacionais federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

E em parágrafo único, a Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa. No art. 5º afirma que a Lei entra em vigor na data de sua publicação, Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

## 2.4 O SUJEITO SURDO E O ESPORTE NO BRASIL E NO MUNDO

A Surdolímpiadas é um evento internacional onde atletas surdos disputam diferentes modalidades esportivas, onde a organização é feita pelo Comitê Internacional de Desporto para Surdos que acontece de 4 em 4 anos, que se torna um evento mais antigo, depois dos jogos olímpicos, pela variedades de modalidades esportivas.

As pessoas com surdez participarão de diversas modalidades esportivas como: natação, ciclismo, tiro, futebol e atletismo entre 10 á 17 de agosto de 1924, em Paris quando um jovem surdo Frances Eugene Rubens-Alcals conseguiu reunir 06 federações e realizou Jogos Internacionais para Surdos ou Jogos Silenciosos.

O evento ocasionou um forte impacto fazendo com que houvesse a oficialização CISS (Comité International des Sports des Sourds) no dia 24 de agosto de 1924. Em Bruxelas houve um congresso onde a Alemanha se tornou membro em 1926. Dois anos depois houve o 2º Jogos Internacionais do silêncio nos dias 1 e 2 de agosto e o congresso onde a Suíça se torna membro do CISS e no ano seguinte foram aceito Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia.

Os IV jogos Desportivos Silenciosos Latinos Americanos aconteceu no Brasil em 1967 no Rio Janeiro onde Colômbia, Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Venezuela e EUA e outros participantes da CISS, o Brasil conquista vários troféus.

O desporto surdo brasileiro teve sua participação nos Jogos Internacionais do Silêncio em 1993 que teve a participação de 52 países e 1705 atletas. No Brasil ano de 2002 houve mudanças na organização esportiva dos surdos durante o evento foi realizado em Passo Fundo no Rio Grande do Sul, onde se cria o Comitê Olímpico Brasileiro de Surdos que se uniu ao Núcleo Desportivo Sócio Cultural do Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES. Como o Rio de Janeiro possuía com varias entidades surdas como a Associação de Assistência á Criança Surda, a Funlar Vila Isabel e as Escolas Municipais que são responsáveis pela escolaridade e no incentivo ao desenvolvimento do esporte em programas de handball, futsal, ginástica artística,

tênis de mesa, atletismos, voleibol, judô e capoeira, que em conjunto com as federações, houve um comprometimento. Pois as entidades definem que as aulas de educação física deve ter a participação da população surda não apenas como praticantes, mas no futuro como professores de educação física. No sul do Brasil existem professores formados em licenciatura plena nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Registros mostram que em Passo Fundo houve adaptações na arbitragem em partidas de futsal e basquete onde os jogadores são surdos.

Segundo Mello, Brito e Diehl (2002) a iniciativa na cidade de Passo Fundo teve uma grande importância e valorização da cultura socioesportiva surda.

Pesquisa bibliográfica realizada em 1957 relata que foi feita a I Olimpíadas Nacional de Surdos, mas como houve o desaparecimento de informações e dos registros históricos não pode se declarar como a primeira. Nesse mesmo período aconteceu vários eventos esportivos como I campeonato Paranaense de Atletismo, I campeonato de natação e o campeonato brasileiro de desporto de surdos em Brasília. Para participar o atleta deve ter perdido 55 decibéis no ouvido no qual se tem como o "melhor". Para haver uma disputa em igualdade durante a competição os atletas retiram os aparelhos auditivos e os implantes cocleares.

Outro fator importante estar ligado a arbitragem que utiliza bandeira vermelha invés do apito, na natação se utiliza um flash vermelho no lugar da pistola. Em Sofia na Bulgária de 26 de julho ate 04 de agosto de 2013 foi disputado 19 modalidades e tinha quase 70 países.

A delegação brasileira tinha em sua delegação 19 atletas e 14 membros da comissão técnica. A próxima edição será em 2017 em Ancara na Turquia. Na historia o esporte era o meio de inclusão para os surdos a partir da década de 50, onde teve a ideia de montar associações onde as pessoas com surdez poderiam ter seus próprios espaços para praticar esportes e atividades físicas que ajudaria a desenvolver suas habilidades físicas, saúde física e mental junto com ouvintes onde acontece a inclusão. A única coisa que diferencia um surdo de um ouvinte é a capacidade de não ouvir, mas as capacidades físicas são iguais.

Atualmente o esporte surdo brasileiro é bicampeão sul-americano de futebol de campo masculino (1989 e 1995), no voleibol é tricampeão sul-americano feminino (1987,1991 e 1995), no tênis de mesa é bicampeão sul-americano(1988 e 1992) e no atletismo é campeão sul-americano(1992).

A CBDS (Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos) contempla oficialmente 13 esportes: Futsal, Futebol de Campo, Futebol Society – 7×7, Vôlei de Praia, Basquete, Atletismo, Tênis de Mesa, Judô, Badminton, Natação, Boliche, Orientação, Mountain Bike.

#### **2.4.1 A inclusão do Aluno Surdo no Esporte**

A inclusão começa em 26 de setembro de 1857, quando foi fundado o Instituto de Surdos e Mudos que teve o incentivo de D.Pedro II que se preocupava com a educação especial que é a expressão usada por algumas pessoas, onde ele se baseou em experiências positivas que teve com o Império Instituto dos Meninos Cegos, onde o imperador passou a dar atenção para outras deficiências. Para as pessoas com deficiência visual e auditiva a data 12 de setembro de 1954 ficou marcada para educação especial com a inauguração Instituto Benjamim Constant.

Em 1870 De acordo com Araújo (1998), os atletas com surdez são as primeiras pessoas portadoras de deficiência que se apresentam na cena esportiva.

Nas escolas de Ohio EUA no século XIX, por volta de 1870 aconteceram atividades esportivas, fizeram que pessoas com surdez tivessem o contato com beisebol para surdos; depois em 1885 o estado de Illinois, EUA introduziu o futebol para esta população.

Segundo Bueno e Resa (1995) as atividades devem explorar corporeidade, lateralidade, coordenação motora, equilíbrio, organização espaço-temporal, qualidades físicas básicas e socialização.

Historicamente as pessoas com surdez utilizavam o esporte como a oportunidade

de fazer uma atividade física onde acontecia o processo de inclusão. Esse processo deve acontecer dentro do âmbito escolar durante as aulas de educação física onde os alunos são apresentados aos esportes o professor tem dever de fazer com que todos os alunos tenham essa experiência.

De acordo Soler (2005) o professor deve estimular o crescimento a auto estima dos alunos sempre que possível, pois o sucesso dos alunos depende e está intimamente ligado a uma autoestima saudável.

Segundo Damázio (2007, p.14) os alunos com surdez precisam de ambientes educacionais que venha estimular, desafiar o pensamento, explorar cada capacidade em todos os sentidos. Se usar uma língua bastasse para aprender os ouvintes teriam um bom aproveitamento escolar, mas não é isso que acontece e eles já entram na escola com língua oral.

A inclusão trás vários aspectos positivos para pessoa com surdez, é capaz de melhorar a autoestima, a autoconfiança, o desenvolvimento de habilidades motoras, a melhora cardiovascular, agilidade, força, coordenação e equilíbrio, iguais a um ouvinte, a única coisa que diferencia é o ato de não ouvir. Além de dar a oportunidade de socialização entre surdos e ouvintes, tirando a percepção de muitos da sociedade que pensão que as pessoas que possuem surdez não são capazes de praticar esportes.

## 2.5 SURDEZ E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Para Winnick (2004) uma das disciplinas em que a inclusão acontece com frequência é a Educação Física. A educação física tem um papel fundamental e importante no desenvolvimento motor, cognitivo e social dos alunos surdos, mas para isso acontecer depende da escola e do professor de Educação Física que é a peça fundamental. Na maioria dos casos a barreira é a comunicação não cabe ao professor impor a oralização, criar sinais novos ou leitura labial, mas sim se qualificar na língua de sinais LIBRAS. A criança ou adulto surdo não possui nenhuma impossibilidade de

praticar exercícios físicos durante as aulas de educação física, pois ela é comparada a um indivíduo tido como “normal”, ou seja, ouvinte. O professor é a peça fundamental no desenvolvimento do aluno surdo em suas aulas.

Segundo (LIMA, YOSHIKA e MORAES) quando um aluno surdo tem a vivência em uma aula de educação física ele tem possibilidade de trabalhar sua consciência corporal e com isso desenvolver habilidades motoras, pois ele não possui restrições físicas.

Para (RODRIGUES, NOCCHI et al 2007) a criança surda sendo estimulada para desenvolver habilidades motoras ela vai seguir os padrões de normalidade para a prática das aulas de educação física. Isso só não acontece quando a surdez e acompanha outra deficiência.

O professor tem a responsabilidade após sua formação continuar a sua profissionalizar e fazer que o aluno surdo trabalhe suas potencialidades nas aulas onde mesmo com as dificuldades ele consiga desenvolver sua capacidade motora o aluno não possui restrições física para participar das aulas de educação física. O professor tem que estimular e desafiar o aluno durante as aulas, mas tem que buscar o conhecimento através da Libras (língua brasileira de sinais) para desenvolver suas aulas

### **2.5.1 Acessibilidade do aluno surdo nas aulas de educação física**

São condições e possibilidades que o aluno surdo precisa ter para utilizar dos espaços da escola com segurança e autonomia durante as aulas onde a responsabilidade é da escola e do professor o deve estimular desenvolvimento motor da criança com surdez que é igual à de uma criança ouvinte, pois não pode haver restrição para participar das aulas.

Para Aviz (1998) as atividades físicas e o esporte significam desenvolvimento da autoestima, estímulo a independência, pois suas habilidades motoras estão sendo testadas e desenvolvidas num processo de inclusão com outros alunos onde o aluno

surdo vivencia uma experiência através do próprio corpo.

O professor tem que utilizar de estratégias que venha fazer que o aluno surdo participe de forma efetiva das aulas e desenvolva suas habilidades.

Segundo Filha (p.04) faz observações de algumas estratégias de ensino e orientação ao professor sobre a pratica com o aluno surdo suas possibilidades de ensino:

- Sinais Visuais: bandeiras ou cartela de cores onde substituirá comandos de voz ou apito, como exemplo falta no futsal ou ponto no vôlei utilizando uma cor para ponto a favor e outra cor para ponto do adversário.
- Demonstração: o professor é o modelo, mas pode pedir que os alunos façam demonstração.
- Relacionamento: Enxergar mais a criança que a deficiência; Considera as limitações, mas enfatizar as capacidades.
- Comunicação: o professor deve aprender e dominar língua brasileira de sinais (LIBRAS), não pode misturar a LIBRAS com o português. Quando a criança estiver olhando o professor deve falar em velocidade normal.
- Prótese auditiva: não deixar molhar, não deixar usar durante lutas ou acrobacias, usar somente durante atividades rítmicas, caso o molde seja pequeno para a orelha da criança, pedir pra tirar antes das atividades física e guarda em local seguro.

Sem o aparelho auditivo o aluno com surdez tem dificuldades em entender o que o professor estar explicando através da fala para participar da aula quando o professor esta direcionando a explicação para os alunos ouvintes, o professor deve mudar os comandos auditivos para os visuais onde o aluno com surdez vai conseguir entender e participar da aula.

Para Graziadei (1998, pg. 21) apud Winnick (2004) o ensino de aspectos conceituais da educação física a de alunos surdos pode ser problemático, em uma classe de alunos ouvintes e que o professor não conhece a língua brasileira de sinais.

### **2.5.2 O Esporte como Possibilidade de Conteúdo nas Aulas de Educação Física para Alunos com Surdez.**

O esporte contribui formação do desenvolvimento das crianças e jovens onde os benefícios são físicos, psicológicos e sociais. Durante as aulas de educação física além de desenvolver capacidades física acontece o processo de inclusão.

Nas aulas de educação física a pratica esportiva o aluno estará desenvolvendo suas habilidades, qualidade de vida, seja em qualquer idade. O esporte vai proporcionar ao aluno com surdez, formação de caráter, ética, cidadania, saúde, desenvolvimento habilidades praticas que serão necessárias para executar tarefas no seu dia a dia sejam elas educacionais, físicas ou psicológicas além da igualdade social. O professor deve transformar suas práticas pedagógicas excludentes em inclusivas.

Entre alunos surdos e ouvintes as capacidades físicas são as mesmas a única coisa que os diferenciam e o ato de não ouvir. O professor deve desenvolver as atividades de forma que o aluno surdo possa entender e se adaptar, para o aprendizado ser completo e mais fácil o professor deve dominar a libras e através dessas experiências, deve se qualificar ainda mais para atender todos os alunos. O aluno com surdez possui os mesmo direitos que alunos ouvintes para desenvolvimento psicomotor, onde foi estabelecido pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, nº 9394/1996).

### 3 METODOLOGIA

O presente estudo analise, destaca a importância da inclusão do aluno surdo no esporte e na aula de educação física escolar, em que a atividade física tende a melhorar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor e também a superar o processo de exclusão e discriminação que esporte e a educação física promovem.

Isto está prescrito no decreto-lei nº. 69450/71, que regulariza o ensino de Educação Física em todos os níveis de ensino até hoje. Mas, temos avanços como na Lei de Diretrizes e Bases para Educação, de n. 9394/96 (LDB), que na sua essência, possibilita a transformação do sistema educacional brasileiro num sistema que reconheça e valorize a diversidade, favorecendo a todos aqueles envolvidos no processo (KYRILLOS, 2005, p. 25).

E a escola e o professor tem papel principal como mediador desse processo de inclusão desses alunos com deficiência.

#### 3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Para a construção do nosso estudo e produção de dados, nos apropriamos do conceito da pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2010, p. 29), é um tipo de pesquisa elaborada com base em todo material publicado sobre o assunto, como teses, dissertações, artigos, anais, entre outros.

Será feita uma análise qualitativa de todos os dados coletados dos autores com intuito de chegarmos uma conclusão sobre o processo de inclusão do aluno surdo no esporte e na aula de educação física escolar.

### 3.2 LEVANTAMENTOS DAS PRODUÇÕES

Para tanto, foram realizadas buscas nos artigos em revistas científicas da área, bancos de dados da CAPES, além dos principais diretórios e indexadores utilizados por revistas, congressos e bibliotecas das universidades brasileiras.

Selecionadas, principalmente, publicações dos últimos 10 anos, tempo em que demarca a sancionamento do Decreto de Lei nº 5626/05 oficializando a Língua Brasileira de Sinais, sendo utilizadas referências mais antigas e publicações mais atuais de livros e legislação relevantes ao tema. As palavras-chaves utilizadas serão inclusão, surdez e educação física. Além disso, serão utilizados dados pesquisados junto à secretária de educação municipal, se necessário, livro atual para definir conceitos. Trata-se de um estudo teórico extraído de artigos científicos relacionados a inclusão de alunos surdos nas aulas de educação física.

Nas quais foram pesquisadas quarenta e cinco revistas digitais e indexadores das produções no campo da educação física, pesquisa essa que iniciou em julho de 2015 com uma leitura minuciosa dos resumos encontrados a partir do tema proposto para estudo, concluído essa leitura dos resumos, foi selecionado os artigos que se enquadrava na linha de pesquisa de inclusão e surdez, onde foi feito uma análise qualitativa dos artigos.

No segundo processo de leitura dos quarenta e cinco revistas e indexadores, nove artigos se fundamentava com a pesquisa de análise qualitativa de inclusão e surdez, e entre essas revistas on-line, indexador e congresso de educação anais on-line, foram encontrado artigos que se relacionava com a linha pesquisa, e após passarem por um análise criterioso, foi salvo na íntegra para serem categorizado.

Essa organização favoreceu para chegar a uma reflexão sobre a dimensão cruciais da temática em questão.

### 3.3 ORGANIZAÇÃO E AMOSTRAGEM DAS BUSCAS

A pesquisa científica envolvendo revistas, indexadores, diretórios, congresso da educação anais on-line, que foi feita a leitura dos resumo dessas revistas, respectivamente foram analisado num primeiro momento vinte e duas revista on-line, não sendo ainda suficiente, devido a falta de artigos relacionados ao tema proposto(o aluno surdo e o esporte nas aulas de educação física escolar) para nossa pesquisa, foi feito uma novamente uma nova pesquisa em mais vinte revistas on-line, buscando ter uma quantidade relativamente suficiente de artigos para fazer a pesquisa do tema proposto. E diante dessa nova pesquisa feita, com a leitura dos resumos dessas revistas encontramos nove revistas relacionava com o tema proposto em questão.

No contexto geral da nossa pesquisa as revistas com os artigos estão disposto nos quadros abaixo 01 e 02.

No quadro 01 apresenta a quantidade de trabalhos encontrados, selecionados com base na leitura dos textos completos.

Nota-se que dos nove revistas selecionadas que faziam a junção com os critérios de inclusão, surdez e educação física, cinco destas revistas on-line foram recuperadas e analisadas na integra, REDALYC, REVISTA RBME, REVISTA BRASILEIRA MEDICINA DO ESPORTE, que estão dispostas no quadro 01 com seus respectivos trabalhos.

**QUADRO 01**

REVISTAS ON-LINE		
REVISTAS	QUANTIDADES	ANOS
REDALYC	01	2013
REVISTA RBME	03	2011/2014/2015
REVISTA BRASILEIRA MEDICINA DO ESPORTE	01	2011
REVISTA MOTRIVIVÊNCIA	03	2000/2013/2015

Nesse estudo envolveu a busca no vários indexadores em que foi encontrado trabalhos relacionados a inclusão, surdez e educação física, o CIELO, REDIB.

REVISTA	QUANTIDADE	ANO
CIELO	06	2012/2014/2015
REDIB	05	2006/2009/2011/2014
CIELO	06	2012/2014/2015
REDIB	05	2006/2009/2011/2014

No quadro 02 apresenta as revistas dos congressos anais on-line, que foram selecionados para a leitura dos seus respectivos trabalhos completos, que neles abordam sobre o tema da pesquisa (inclusão, surdez e educação física), as revistas ANPED, ENDIPE.

**QUADRO 02**

CONGRESSOS DA EDUCAÇÃO – ANAIS ON-LINE		
CONGRESSOS	QUANTIDADES	ANOS
ANPED	06	2001-2005 e 2006
ENDIPE	02	2010 e 2011

Também como já foram abordadas nos parágrafos anteriores, na amostragem das buscas, muitas das revistas on-line, indexadores, diretórios não se enquadrava na linha de análise qualitativa da pesquisa, em que estava sendo proposta para pesquisa científica.

Revista on-line, indexadores e diretórios que não encontrou trabalhos

relacionados com o tema proposto; Revista Pensar a Prática, Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Revista Motricidade, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – RBEFE\_USP, Revista Motrivivência, Revista Gymnasiun, Revista Motriz, Revista Ulbra e Movimento (UEM), Revista Movimento, Revista Conexão, Revista Brasileira de Reabilitação e Atividade Física, Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, Arquivos de Ciências do Esporte, Revista Portuguesa de Ciência do Desporto, Journal of Science and Medicine in Sport, Banco periódicos da Capes, PPGEF – UFES (banco de teses e dissertações), PPGE – UFES (banco de teses e dissertações), PPGE – USP (banco de teses e dissertações), DOAJ – Directory of Open Access Journals, Ebsco Publishing: Business Source Complete, Gale Cengage Learning, RePEc – Research Papers in Economics, Cabells, CLASE- Citas Latinalamericanas em Ciencias Sociales y Humanidades, Diadorim, HAPI – Hispanic American Periodicals Index (HAPI), IBSS – International Bibliography of the Social Science, Latindex. org, Ulrichs Periodical Directory, Educación Física y Deportes, ProQuest Information and Learning, Biblioteca Virtual em Saúde – LILACS, SCOPUS | Elsevier, Sherpa/ Romeo, Sumarios Brasileiro de Revista Científicas, Thomson Reuters: SSCI, JCR.

## **4 LEITURA, ANÁLISE E RESULTADOS**

Realizando as leituras nos estudos encontrados em nossas buscas, analisamos os principais pontos discutidos, evidenciando e articulando os escritos, chegando a alguns resultados, como veremos a seguir, em nossas análises.

### **4.1 INCLUSÃO NA ESCOLA E NO ESPORTE**

Após realizarmos buscas em diversos meios de pesquisa, foram realizadas leituras destes conteúdos e foram encontrados pontos em comum onde trata a educação física como meio de inclusão para alunos surdos onde eles estão amparados por lei, onde todos têm direitos iguais aos ouvintes no de desenvolvimento psicomotor. Baseado na lei de diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, nº9394/1996) estabelece que todos os sistemas de ensino devem assegurar um ensino igual aos demais alunos.

Conforme Oliveira (2002 QUADRO 01) o professor de Educação Física precisa ter a preocupação em desenvolver em todos os alunos as suas pontencialidades, seja ouvinte ou com necessidades especiais na escola, onde cada um aluno vai desenvolver suas habilidades físicas e sociais.

Professores devem ser devidamente capacitados e especializados para que eles possam atuar com aluno com qualquer deficiência. Alguns estudos mostram que os alunos com surdez não aprendem por vias auditivas, mas por linguagem gesto visual.

Para Winnick (2004) uma das disciplinas em que a inclusão acontece com frequência é a Educação Física. Pois alunos surdos e ouvintes possuem as mesmas capacidades de desenvolver habilidades motoras a única coisa que os diferenciam e o fato de não ouvir.

A inclusão de pessoas com surdez começa no ano de 1857 no dia 26 de

setembro, D Pedro II funda o Instituto de Surdos e Mudos onde se preocupava com a educação de pessoas com deficiência física após ter experiências positivas com cegos, em 12 de setembro de 1954 inaugura o Instituto Benjamim Constant

Segundo Araújo (1998) os atletas com surdez entram no cenário, sendo as primeiras pessoas com deficiência no cenário esportivo.

Podemos perceber nesses estudos que os surdos começaram a desenvolver habilidades esportivas, à saúde física e mental. Os jogos entre ouvintes e surdos importantes momentos de inclusão. Atualmente de 4 em 4 anos acontecem as Surdolimpiadas onde o Brasil é bi-campeão sul-americano de futebol de campo masculino, 1989 e 1995, tri-campeão sul-americano de voleibol feminino 1987, 1991 e 1995, bi-campeão sul-americano de tênis de mesa, 1988 e 1992, e campeão sul-americano de atletismo - 1992.

Isso vem reafirmar Winnick (2004) que pessoas com surdez tem a capacidade de participar de atividades esportivas pois possuem habilidades físicas iguais a de um ouvinte.

#### 4.2 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES, ESPORTE E LIBRAS

A discussão sobre inclusão de alunos surdos no esporte do ensino regular nas aulas de educação física, cita que os professores ainda não estão preparados e se faz necessário interprete dentro da sala de aula para transmitir o que o professor estar passando para os alunos ouvintes.

Segundo Winnick (2004) um das disciplinas que a inclusão mais acontece é a Educação Física. Tem um papel fundamental e importante no desenvolvimento motor, cognitivo e social.

Historicamente as pessoas surdas utilizavam o esporte como oportunidade de fazer atividade física e onde acontecia o processo de inclusão, na escola o aluno

através da aula de Educação Física é incluído no esporte. A Língua Brasileira de Sinais é transmitida e interpretada através da forma gestual-visual-espacial, onde a pessoa com surdez possui uma configuração de movimentos de mãos e pulsos que são localizados em algumas partes do corpo para interagir e compreender o mundo ao seu redor.

Segundo Damázio (2007, p.14) os alunos com surdez precisam de ambientes educacionais que sejam estimuladores, que venham desafiar o pensamento, explorar a capacidade em todos os sentidos. Se o uso de uma língua bastasse para aprender os ouvintes não teriam problemas de aproveitamento escolar, pois já entram na escola com língua oral.

O surdo percebe o mundo em sua volta de forma diferente dos ouvintes, através de sua experiência visual, e faz o uso da linguagem através de sinais é a imagem do pensamento do surdo e faz parte de sua experiência vivida em meio a comunidade. Como artefato cultural, a língua de sinais também é submetida á significação social a partir de critérios valorizados, sendo aprovado como um sistema de linguagem rica e independente. (QUADROS, 2006)

Para isso acontecer deve haver um comprometimento na formação dos professores para haver um ensino de qualidade aos alunos surdos, que deve acontecer desde ensino infantil e ser oferecido continuamente nas escolas, onde o aluno surdo teria uma qualidade de ensino no seu dia a dia na escolar. Uma forma para que isso acontecer é que os futuros professores em licenciatura tenham o aprendizado da língua brasileira de sinais como disciplina no ensino superior e que continuem a se qualificar para melhor compreender que uma pessoa tem o mesmo direito a qualidade de ensino que um aluno ouvinte.

#### 4.3 EXCLUSÃO DO ALUNO NO ESPORTE

Nas leituras feitas a exclusão acontece quando chega ao desrespeito à comunicação entre ouvintes e surdos, pois essa é a maior barreira. Buscando na

historia as pessoas surdas eram vistas como insignificantes irracionais acabavam excluídas e vivendo isoladas. Em 26 de setembro 1857 quando D.Pedro II fundou o Instituto de Surdos e Mudos onde se baseou pela experiência com pessoas com deficiência visual.

Segundo Araujo (1998) os surdos foram os primeiros atletas a entrar no cenário dos esportes.

Falta de conhecimento do professor e a não qualificação continuada, faz que o aluno surdo não participe da aula. A exclusão do aluno surdo no esporte atrasa a melhora na autoestima, autoconfiança, desenvolvimento das habilidades motoras.

Quando a pessoa com surdez vivencia a educação física ele trabalha a sua consciência corporal e desenvolve suas habilidades motoras. A pessoa com surdez no ponto de vista clínico não possui nenhuma restrição a prática de exercícios físicos, pois seu desenvolvimento motor é equiparado a um indivíduo ouvinte dito "normal"(LIMA, YOSHIOKA e MORAES).

Muitos professores acabam privando o aluno com surdez, pois não conseguem ter uma comunicação com o aluno e acaba colocando a culpa no aluno, o desenvolvimento de uma criança com surdez segue os padrões normais, pois não existe restrição a prática de atividade física.

A educação bilíngue de surdos no Brasil está amparada por lei e é recomendada pelo Ministério Nacional da Educação como sendo uma proposta válida e eficaz para o ensino das duas línguas reconhecidas no país, Língua Portuguesa e LIBRAS, são necessárias para a inclusão social e efetiva destes sujeitos com o decreto nº 5.626 de 22/12/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002 que no capítulo VI o artigo 22 determina a organização para a inclusão escolar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as leituras feitas nos artigos, revistas online, indexadores onde procuramos entender a historia dos surdos, sobre a língua brasileiras de sinais e sua inserção na escola e no esporte e com muita dificuldade para haver esse processo de inclusão com isso concluímos que ainda há muito a melhorar nas escolas na questão de estar preparada em todos os aspectos e os professores de educação física precisam continuar qualificação, pois o desenvolvimento de um aluno com surdez depende do professor que é a peça fundamental para que isso aconteça no âmbito escolar e no esporte. A única coisa que deferência o aluno com surdez de um aluno ouvinte é o fato de não poder ouvir, mas suas habilidades motoras são iguais.

O professor estar apto e dar condições e possibilidades que o aluno com surdez precisa para participar com segurança e autonomia das aulas de educação física. Onde o esporte vai ser o responsável pela formação do desenvolvimento do aluno surdo. O aluno surdo deve ser bem instruído em toda vida no contexto escolar ate sua formação no ensino superior.

Deveria haver nas escolas desde o Ensino Fundamental 1 a disciplina de LIBRAS, não para o aluno ouvinte se adaptar ao surdo, mas para haver comunicação onde a exclusão seria trocada por inclusão e as escolas ficariam mais acessíveis. O que deve ser feito para ter de fato uma escola inclusiva onde professores e alunos estão em constante sintonia durante as aulas fazendo com que esse aluno tenha um ensino de qualidade e chegue ao ensino superior com muitas experiências positivas, onde após sua formação venha ser um professor que levará as escolas o verdadeiro ensino de inclusão que engloba todos os alunos e com qualidade.

Enfim deixamos essa sugestão para a contribuição de novos trabalhos futuros que possam ser pesquisados e discutidos novos conhecimentos de como ter um ensino de qualidade para pessoas com surdez.

## 6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: Origem, Institucionalização e Atualidade**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

ATLAS DO ESPORTE NO BRASIL: **Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil** <http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>

AVIZ, C.C. **A criança portadora de necessidades educativas especiais e sua inclusão no ensino regular nas aulas de Educação Física**. Monografia de Especialização 44 p, 1998. Brasília: Faculdade de Educação Física / Universidade de Brasília.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei n° 9394/96. Brasília . MEC/SESP. 1996

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Projeto Escola Viva: Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola – alunos com necessidades educacionais especiais: vol 5 e 6**. Brasília: MEC/SEESP, 2000.

BUENO.S.T., RESA, J. **Educação Física para niños y niñas com necessidades educativas especiais**, Málaga: Algibe, 1995.

CONCEITO DEFICIÊNCIA. CAOIPPD. **Área da pessoa portadora de deficiência**

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com surdez**. SEESP / SEED / MEC, Brasília/DF, 2007.

FARIA, S.P. (2001) **Interface da língua brasileira de sinais – LIBRAS com a Língua portuguesa e suas implicações no ensino de português como segunda língua para surdos**. Revista Pesquisa Lingüística n.º 6. Brasília: LIV-UnB. \_

FILHA, S. A. Dalva. **Atividades Físicas para Surdos.** Instituto Nacional de Educação de Surdos. Disponível em <[www.feneis.com.br/arquivos/seped\\_curso\\_ativ\\_fisica.pdf](http://www.feneis.com.br/arquivos/seped_curso_ativ_fisica.pdf)> Acesso em 18 de Junho de 2016

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa abordagem sócio-interacionista.** São Paulo: Plexus, 1997.

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes **das atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais.** 2. Ed. Barueri. 2008.

KYRILLOS, Michel Habib Monteiro. **O deficiente visual: considerações acerca da prática da educação física escolar na educação inclusiva.** 35 fls. Monografia (PósGraduação Latu Sensu em Educação inclusiva. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2005. Disponível em: [http://www.cefetr.edu.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=950&Itemid=53](http://www.cefetr.edu.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=950&Itemid=53).

Lei nº 10.436/02. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** 2002 Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm)> Acesso em 19 de Junho de 2016.

LIMA, Sônia Maria Toyoshima; FILUS, Josiane Fujisawa. **Conhecimentos para a prática da natação com surdos.**In: **atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiências pedagógicas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

LIMA, Thaize Cristina Souza; YOSHIOKA, Maria Cristina da C. P; MORAES, Renato de. **Avaliação do desenvolvimento motor de crianças surdas**. Disponível em: Acessado em 29 de out. 2010.

LURIA, A.R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Arte e Científicos/ EDUSP, 1986.

MELERO M, L. **A Educação Física e as Pessoas com Deficiência: Outro modo de Culturização para a Melhora da Qualidade de Vida**. Faculdade de Educação da Universidade de Málaga, 2007.

Mello, L.; Brito, V.V. R. R.; Diehl, R.M. **ADAPTAÇÃO NA ARBITRAGEM DO DESPORTO COLETIVO PARA SURDOS, 2002**.

NOZI, G. S.; VITALIANO, C. R. **Saberes necessários aos professores para promover a inclusão de alunos com necessidades Educacionais Especiais**.

OLIVEIRA, F. F. Dialogando sobre educação, educação física e inclusão escolar. **Revista digital**; Año8; nº 51. BuenosAires. Agosto de 2002.

QUADROS, R,M (org) (2006).**Estudos Surdos I.Petropolis**: Arara Azul.

Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 25, n. 43, p. 333 - 348, mai./ago. 2012.  
RINALDI, R. P.; REALI, A. M. M. R.; COSTA, M. P. R. **Educação especial e formação de professores: onde estamos**.

RODRIGUES, Ana Claudia Madruga; NOCCHI, Nice; RODRIGUES, Ana Luisa Madruga de. **Desenvolvimento das possibilidades corporais do aluno surdo**. Disponível em: Acessado em 30 de out. 2010.

SOLER, R.. **Educação Física inclusiva**: em busca de uma escola plural, Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

SOUZA, Nágela Terezinha de; TREVISAN, Renato Araújo. **Experiência integrativa com o voleibol: Apontamentos para o educador. In: atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiências pedagógicas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

SOUZA, R. M.; GÓES, M. C. R. **O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão.** In SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos.* 1. ed. Porto Alegre: Mediação, v. 1, 1999. p. 163-188.

VIDAL, M.H.C (2014) **Esporte Adaptado aos Deficientes Auditivos.** n.e.l. Ferreira (org). Esportes e Atividades Físicas Inclusivas. V. 6. NITEROI:

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. Obras completas: fundamentos de defectologia.** Havana, Editorial Pueblo y Educacion 1989.

WINNICK. J.P. **Educação Física e Esportes Adaptados.** 3 ed. Barueri - SP: Manole, 2004